

## Evolução da relação entre história e meio ambiente em Vale Vêneto, RS

Alcemar Rodrigues Martello<sup>1</sup>, Maria Medianeira Padoin<sup>2</sup>

<sup>1</sup>*Curso de Psicologia/FISMA - Santa Maria, RS*

<sup>2</sup>*Curso de História/UFSM - Santa Maria, RS*

*e-mail: armartello@pop.com.br*

### Resumo

O objetivo desse artigo é demonstrar a interação da ecologia com a história através do estudo da relação entre a colonização italiana no distrito de Vale Vêneto – Rio Grande do Sul e o meio ambiente local. Foram realizadas entrevistas e uma pesquisa bibliográfica no período de 1999 e 2005. Através da comparação entre a pesquisa bibliográfica e as fontes orais, se constatou que nos dias atuais, o impacto ambiental causado pelos habitantes do local é menor que o ocorrido no final do século XIX e no início de século XX, com a chegada dos imigrantes italianos.

**Palavras-chave:** evolução cultural, educação ambiental, fontes orais, representações sociais.

### Summary

The aim of this paper is to show an interaction between the ecology and history through the study of relation between Italian colonization in Vale Vêneto – Rio Grande of Sul and the local environment. Bibliographic research and interview was carried out in the period of 1999 to 2005. Through comparison of bibliographic research and oral sources showed which the ambient impact is minor than occurred in the finish XIX and beginning XX century with arrival of italian immigration.

**Key words:** cultural evolution, environment education, oral sources, social representations

### Introdução

Os processos de urbanização têm produzido profundos impactos sobre os recursos naturais e sobre a qualidade de vida da população urbana

(DIAS, 1997). A destruição do patrimônio natural, a poluição do solo, hídrica e atmosférica tem transformado o ambiente natural e o ambiente construído.

Considerando que, a cidade pode ser entendida como um ecossistema formado por dois sistemas intimamente inter-relacionados: o “sistema natural”, composto do meio físico e biológico, como os elementos: solo, vegetação, animais, água, etc.; e o “sistema cultural”, constituído do homem e de suas atividades. A problemática ambiental urbana remete a um questionamento das relações sócio-econômicas, políticas e culturais, como definidoras de um panorama ambiental (BRASIL, 1997).

A preservação dos ecossistemas naturais ainda existentes nas cidades apresenta-se como um dos problemas ambientais de maior importância a serem abordados pela Educação Ambiental. Essa preocupação se justifica não só pelo fato de apresentarem importância econômica e na saúde pública, como também pelo valor histórico, estético e cultural, pois representam o elo existente entre a sociedade urbana atual e as sociedades de outrora, mais integradas com a natureza (SATO & CARVALHO, 2005).

Segundo Dias (1997), um programa de Educação Ambiental deve considerar o meio ambiente em sua totalidade, isto é, em seus aspectos naturais (vegetação, fauna, geologia e clima) e criados pelo homem (político, social, econômico, científico-tecnológico, histórico-cultural, moral e estético). Ainda para o autor, a Educação Ambiental deve concentrar-se nas condições ambientais atuais, tendo em conta também a perspectiva histórica.

Nesse sentido, o estudo dos processos históricos é fundamental para compreender melhor as interrelações do ser humano com o ambiente, seja individual ou comunitariamente, em suas expectativas, julgamentos e condutas.

O indivíduo ou grupo interpreta e age em relação ao meio ambiente de acordo com seus interesses, necessidades e desejos, recebendo influências, sobretudo dos conhecimentos anteriormente adquiridos, dos valores, das normas grupais, enfim, de um conjunto de elementos que compõe a sua herança cultural (HARRIS, 1978; GONÇALVES, 1993).

Nos processos de Educação Ambiental, os estudos históricos são fundamentais porque permitem conhecer as particularidades de cada relação sociedade/indivíduo e meio ambiente, no qual as perguntas: Como era o ambiente local? O que mudou? Como era o clima, a fauna, a flora, os costumes? Como era a educação? (DIAS, 1997). Todas essas e outras questões podem ser respondidas através de técnicas pedagógicas conhecidas, como por exemplo, a “história oral”, através de depoimentos de pessoas que vivem a mais tempo no lugar (GARRIDO, 1993).

É importante ressaltar que a história oral está embasada no senso comum, que muitas vezes é determinado pelas crenças, pela cultura e pela

percepção do indivíduo. As fontes orais estão na base da mais antiga e da mais recente forma de fazer história, trata-se de incorporar as fontes orais como uma fonte documental a mais (GARRIDO, 1993).

Nesse sentido, o entrevistado não tem obrigação de preencher as lacunas, unir fragmentos ou corresponder à pesquisa. Deve-se possibilitar ao entrevistado desenvolver suas observações, análises, ponto de vista, sentindo-se livre da obrigação de atender a qualquer expectativa (MONTENEGRO, 1993).

Os historiadores que se interessam sobre o problema do relacionamento do homem com o meio ambiente estão tentando mostrar não só as lições do passado, mas também indicar situações. Há várias maneiras de se ter uma perspectiva, um programa para a sociedade futura mais racional, mais justa, ao se aplicar a Ecologia à História (ALMEIDA, 1995).

Portanto, não se pode esquecer que o ambiente pode limitar, em maior ou menor escala, certos desenvolvimentos culturais. Há, portanto, uma inter-relação entre ambiente e a construção histórico-cultural.

Segundo Ullmann (1983), o homem surge com uma característica especial – a de ator, como ser cultural. A cultura pode assim ser entendida, como criação do homem, transmitida pela tradição ou, então como resposta dada pelo homem ao meio ambiente. Eagleton (2005) expressa que a cultura significa cultivo sugerindo uma contraposição entre o artificial e o natural, entre o que fazemos ao mundo e o que o mundo nos faz.

Desse modo, quando se estuda um determinado acontecimento, é necessário contextualizar o mesmo. O acontecimento, em si, pode promover uma construção de conhecimentos que não podem ser desvinculados da época e do espaço em que foram construídos e de como era o modo de pensar da sociedade que o investigou.

Nesse contexto, a utilização de fontes orais com enfoque numa perspectiva histórica de vida estabelece um campo de resgate da memória (MONTENEGRO, 1993), embasada no senso comum, que muitas vezes é determinado pelas crenças, pela cultura e pela percepção do indivíduo.

Deve-se ainda observar que a memória é resultante da vivência individual e da forma como se processa a interiorização dos significados que constituem a rede de significações sociais. A memória possibilita resgatar as marcas de como foram vividos, sentidos, compreendidos determinados momentos, determinados acontecimentos; ou mesmo o que e como foi transmitido e registrado pela memória individual e/ou coletiva (MONTENEGRO, 1993).

Assim sendo, para compreender como se estrutura a relação histórica e o meio ambiente, escolheu-se a análise de como se processa essa relação no distrito de Vale Vêneto. Esta região começou a ser ocupada pelos imigrantes italianos em 1878, provindos da região de Vêneto, província

de Treviso, norte da Itália. O núcleo faz parte da quarta e última Colônia Italiana, criada pelo governo imperial brasileiro, localizada no centro do Rio Grande do Sul, denominada “Colônia de Silveira Martins”.

A história tem demonstrado que, na sua lenta evolução cultural, o indivíduo vem agindo egoisticamente, constituindo-se num predador da natureza. Como participante da sociedade altruísta, entretanto, é indispensável uma mudança em seu comportamento, respeitando o meio ambiente que compartilha com os seus semelhantes.

Acredita-se que o entendimento da forma como se estabeleceu essa relação de separação entre homem e natureza, natureza e cultura, natureza e história, pode fornecer elementos muito úteis para o entendimento da problemática ambiental.

Dean (1998) se refere à história florestal, como uma história de exploração e destruição. O homem reduz o mundo natural à “paisagem” – entornos domesticados, aparados e moldados para se adequarem a algum uso prático ou a estética convencional – ou também, o que é ainda mais assustador, à “espaço” – planícies desertas aplainadas a rolo compressor e sobre as quais o extremo do narcisismo da espécie se consagra em edificações.

O Estado do Rio Grande do Sul, tradicionalmente dedicado a agricultura e a pecuária, tem sido devastado em seu potencial de florestas, quase sempre sob a alegação da necessidade de aumentar as áreas de plantio e de pastagens, fundamentada na concepção utilitarista de natureza.

Enquanto a pecuária, em grande escala, se desenvolveu nas zonas de pastagens, situadas principalmente ao sul do Rio Jacuí, a agricultura, principalmente através da colonização alemã e italiana, não teve alternativa senão o desenvolvimento nas terras que lhes foram destinadas, as mais férteis, é verdade, mas justamente as cobertas pelas matas (VINADÉ, 1979).

Em 1875, os italianos começaram a chegar em grandes levas para o Rio Grande do Sul. Durante o final do período Imperial os imigrantes italianos foram o grupo mais numeroso chegado no Estado. Estes se localizaram nas terras devolutas do Império, situadas na encosta superior do planalto. A vinda dos imigrantes italianos está ligada ao processo de substituição da mão-de-obra escrava para a mão-de-obra livre e à política de imigração e colonização do Governo Imperial (GIRON, 1996).

De acordo com Pesavento (1990), outro motivo pelo quais os italianos foram enviados para o Rio Grande do Sul, foi para atenuar, em nível de economia provincial, o poder dos senhores estancieiros e a relativa estagnação que atravessava a pecuária sulina. Isso fez com que houvesse um progressivo crescimento de produtos coloniais para a exportação, em lugar dos tradicionais produtos pecuários, tornando o Rio Grande do Sul conhecido como o “celeiro do país”.

O estabelecimento da região destinada para a “colonização imigrante” fez com que surgisse o primeiro confronto do homem/colonizador com a natureza, como ocorreu com os imigrantes italianos. Felippi (1982) ressalta que “as terras constituíam um desafio já pela sua rudeza. O que havia sobrado aos italianos eram os terrenos mais acidentados. O início era marcado pelo desmatamento, queima e realização das primeiras plantações, antes mesmo de construírem suas casas”.

Como se pode observar, o homem se coloca como agente transformador do meio onde vive ou atua. Nesse caso, o colonizado procura “dar” a natureza, contornos de formas culturais trazidas da longínqua Itália.

Os imigrantes que vieram para a região de Vale Vêneto trouxeram duas características culturais muito fortes: a religião e o trabalho. Por isso, com o manejo dos instrumentos agrícolas, a mata era derrubada e a terra preparada, surgindo o plantio das culturas de milho, trigo, feijão, cana-de-açúcar, batata e videira (FELIPPI, 1982).

No início, a mata densa, era vista como empecilho e aterrorizava os imigrantes. A primeira meta, a ser atingida por eles, era a limpeza do local, para tanto, o fogo era o recurso mais próximo e mais rápido que os imigrantes poderiam utilizar (TONDOLO, 1996).

Assim, segundo Tondolo (1996), não existia uma consciência ambiental entre os imigrantes nessa época, ou seja, a preocupação com termos do tipo de devastação não existia. As idéias imediatistas venciam qualquer preocupação com a preservação dos animais e matas.

Com esse tipo de visão frente à natureza, a mata nativa e muitas espécies animais hoje em dia são raramente encontradas.

A filosofia exploratória, predatória e imediatista, consagraram uma concepção de domínio sobre a natureza, não levando em conta a questão do esgotamento dos solos, devastação das florestas e extermínio das espécies animais. Santin (1986) afirma que faltou ao imigrante o culto à terra. A terra era um simples objeto de uso e de exploração, respaldada na visão do homem enquanto senhor absoluto da natureza.

As boas colheitas justificavam a ação predatória continuada e que resultaram em uma ação devastadora. As florestas eram grandes inimigas do homem e das lavouras. As árvores eram impiedosamente derrubadas e queimadas, sem preocupação com a devastação, o que se completava com a erosão (SANTIN, 1986).

Esse mesmo autor, também se refere às espécies animais, que se dividiam em dois grupos, os animais nocivos e os que serviam de alimento, sendo que, as caçadas e as pescarias seguiam ritmos de extermínio. E quando alguém lembrava que tudo poderia acabar, julgava-se que esse era o destino.

Dean (1998) ressalta que para viver no meio das florestas, os moradores da floresta necessariamente a derrubam. De posse dessa relação

frente à natureza, hoje, a floresta pode ser vista como uma “colcha de retalhos” de clareiras e arvoredos com diferentes estágios de recomposição.

Com base nisso, verifica-se que a relação cultura-meio ambiente não pode ser reduzida ao campo específico das ciências da natureza ou das ciências humanas. Ela convoca diversos campos do saber, pois a questão ambiental, na verdade, diz respeito ao modo como a sociedade se relaciona com a natureza compreende outros valores de ordem cultural, filosófica e política.

Não é uma descoberta recente que o homem, como qualquer outro ser depende da natureza e resulta de um complexo processo de evolução biológica e cultural. A necessidade da preservação surge a partir do momento que as ações se tornam prejudiciais a sociedade. Nesse sentido, é necessária a apropriação de um novo conceito de natureza, onde a humanidade reconheça que faz parte da natureza e esta, funcione como um imenso e único sistema, no qual todos os elementos se encontrem inter-relacionados e dinamicamente integrados.

Estudar o tema da relação cultura do imigrante e descendentes italianos de Vale Vêneto e o meio ambiente, além de ser inédito, também possui relevante importância na compreensão da relação do homem com a natureza.

Para aprofundar melhor esta questão, no presente trabalho, foi proposto um estudo sobre a relação ecológica entre a história da colonização italiana no distrito de Vale Vêneto – RS e a ocupação do meio ambiente local.

### **Material e método**

O distrito de Vale Vêneto pertence ao município de São João do Polêsine situado a 40 km de Santa Maria-RS, com aproximadamente dois mil habitantes (Figura 1). Possui uma paisagem muito rica, pois ainda conserva as belezas naturais da região, que apresenta vestígios de Mata Atlântica, altamente importante por sua diversidade biológica.

O povoado localiza-se, quase na base da Serra Geral. É rodeado de montanhas, que medem aproximadamente 400 a 500m de altura. Ao sul, desemboca numa grande clareira com saída para Santa Maria, por via asfáltica.

Para realização do trabalho foram adotados dois procedimentos: pesquisa bibliográfica sobre a colonização italiana e também sobre a caracterização do meio ambiente local, desde a chegada dos primeiros imigrantes a Vale Vêneto até os dias atuais; e entrevistas com os moradores da cidade, coletando dados, através da metodologia da “história oral”, ambas abordando a temática ambiental, implicando na adoção de métodos qualitativos na análise dos dados.

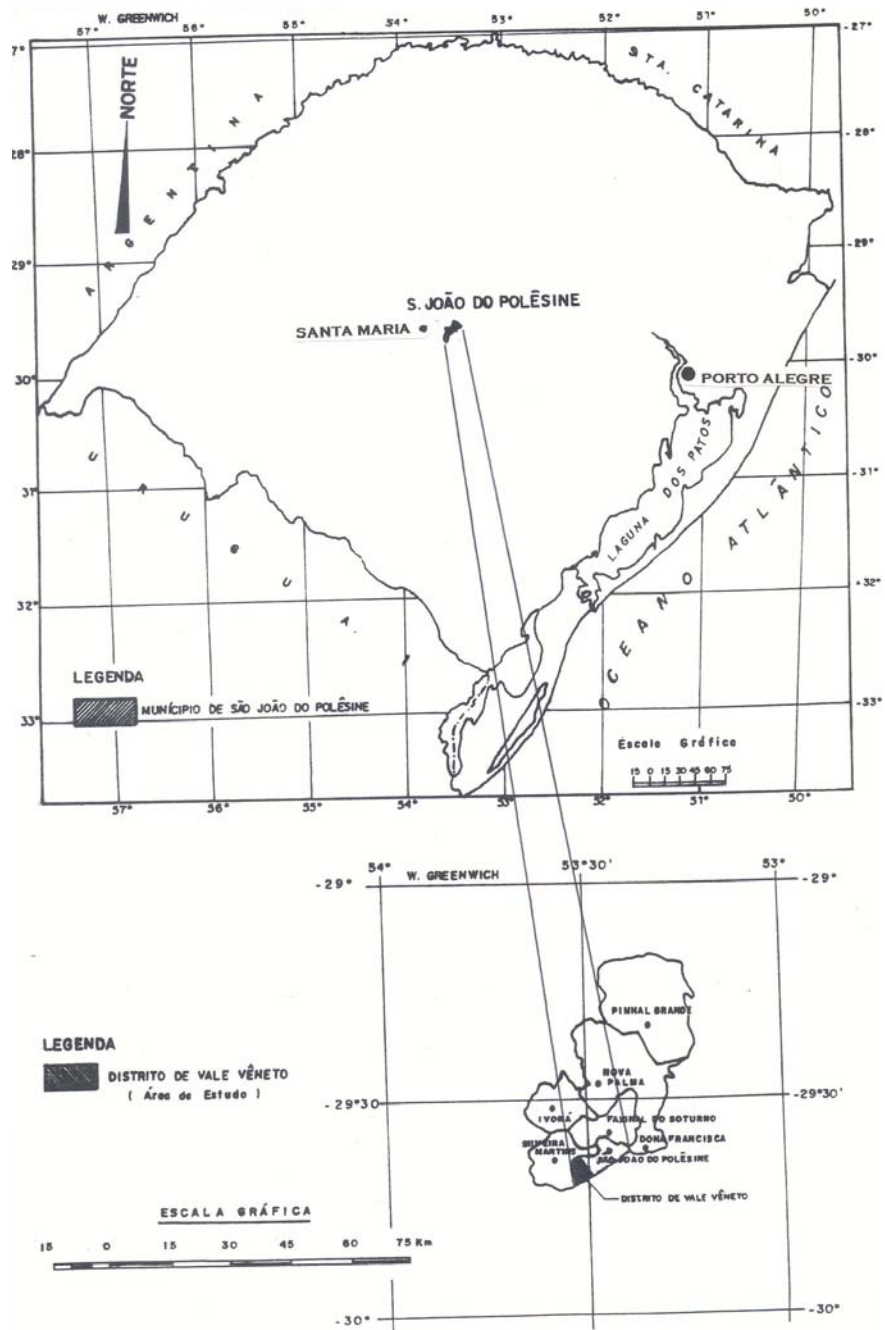


Figura 1. Localização do distrito de Vale Vêneto no estado do Rio Grande do Sul.

O levantamento dos dados ocorreu de 1999 a 2005. Foi realizada uma análise dos mesmos, promovendo um “cruzamento” para a obtenção de um perfil evolutivo da relação da cultura italiana com o meio ambiente de Vale Vêneto.

A amostra foi constituída por 50 entrevistados, todos residentes no distrito de Vale Vêneto desde o seu nascimento, escolhidos aleatoriamente, utilizando a variável idade. Os entrevistados foram divididos em duas classes, a primeira com 25 indivíduos com idade entre 10 e 20 anos (grupo 1) e, a segunda com 25 indivíduos com idade entre 60 e 100 anos (grupo 2). As entrevistas foram realizadas com um questionário aberto pré-elaborado, sendo as respostas gravadas para posterior transcrição.

A fundamentação teórica, para a análise qualitativa dos dados, foi baseada nas argumentações dos seguintes autores: Neves (1996), Dias (1997), Dean (1998) e Raminelli (1999). Esses autores, sob a perspectiva histórica, buscam as respostas para o comportamento do homem frente à natureza.

## Resultados e discussão

A ocupação e a utilização do solo encontram-se em expansão no distrito. Para a prática agrícola, são utilizados locais de planície e de morro, não havendo preocupação na preservação dos terrenos onde se encontra mata nativa. As culturas agrícolas mais utilizadas são o milho, seguido pelo arroz, hortaliças e o parreiral.

No que se refere à fauna presente no local, os entrevistados, de ambos os grupos, citaram os animais que apareciam com mais frequência em suas propriedades, sendo alguns, principalmente mamíferos (tatu, capivara, etc.) usados na alimentação humana.

Atualmente, segundo os entrevistados do grupo 2, alguns animais como o bugio, a lebre e o mão-pelada, não são mais vistos em suas propriedades. Quando aparecem, é utilizada a caça como método de controle.

Dos entrevistados - independentes da faixa etária - todos informaram possuir fogão à lenha em sua residência e que o combustível vegetal (lenha) usado, era proveniente de madeira de mata nativa da região. Apenas cinco entrevistados do grupo 2, informaram que além de mata nativa, utilizavam também madeira de espécies exóticas, como por exemplo, o eucalipto (*Eucalyptus* spp.).

O desmatamento, total ou parcial, das suas propriedades, ocorre desde a infância dos entrevistados até o momento atual. Dentre os motivos alegados destacam-se o aumento da área de cultivo, a construção de benfeitorias e a comercialização da madeira.

Quanto ao reflorestamento, a maioria dos entrevistados informa-



ram realizar eventualmente o plantio de árvores frutíferas ou exóticas nas proximidades de suas moradias. Observou-se *in loco*, entretanto, que alguns colonos não possuem um único espécime de vegetação arbórea em suas propriedades, limitando-se ao plantio da cultura do milho.

A região apresenta várias clareiras recentes realizadas nas áreas de mata nativa, principalmente nos locais de montanha. Algumas áreas apresentam vegetação primária, em pleno processo de reconstituição, devido aos recentes desmatamentos realizados no local.

Em algumas propriedades, o plantio de plantas exóticas, principalmente o eucalipto é muito utilizado na prática de florestamento, pois consiste num vegetal de fácil adaptação e de valor econômico. Na utilização de espécies exóticas, não é considerado que, quando introduzidas num local podem causar desequilíbrios ecológicos, como o desaparecimento da fauna associada à vegetação nativa e mudanças na composição do solo.

As matas sugerem para os entrevistados uma relação de benefícios no que se refere à produção de frutos e na utilização da madeira como lenha, ambos para uso próprio e para a comercialização, como se pode perceber no seguinte depoimento, a saber: “se não fosse a mata, como nós poderíamos aquecer o nosso fogão à lenha?” (Entrevistada I – 93 anos).

Segundo os entrevistados de maior faixa etária do grupo 2, a paisagem natural e construída de Vale Vêneto, tem-se modificado ao longo dos anos. Foi citada como maior mudança, o aumento do processo de urbanização, dentre as quais a construção de casas e calçamento de ruas. Também informaram haver uma mudança na arquitetura das casas, transformando assim o estilo cultural trazido pelos imigrantes italianos.

Outra modificação muito importante, salientada pelos residentes mais antigos, refere-se ao aumento da recomposição das florestas na região. Essas observações podem ser constatadas, a seguir: “Quando eu era criança, a mata foi bastante cortada para a construção das propriedades. Hoje ela voltou a aparecer” (Entrevistada G – 80 anos). E no outro: “... no início, os morros eram limpos sem nenhuma mata, hoje já podemos ver os morros cobertos de árvores novamente” (Entrevistada F – 90 anos).

Nesses depoimentos, pode-se notar que a devastação da floresta quando os imigrantes chegaram, foi mais intensa que a realizada no momento atual. O corte de árvores e as queimadas serviam para retirar a densa floresta do local para a construção de residências, implemento da lavoura e para afastar os animais de suas residências. Cabe salientar que a reposição de espécies e a diversidade são diferentes da original existente na época (ITAQUI, 2002).

Atualmente, o corte de árvores, principalmente, na área da encosta dos morros é reduzido, para que não ocorram deslizamentos de terra nas épocas de chuva. Outro motivo relatado é a atuação de órgãos governa-

mentais que tem por função fiscalizar os crimes cometidos contra a natureza. Atualmente está sendo implantado o PRODESUS (Projeto de Desenvolvimento Sustentável da Quarta Colônia) que tem como objetivo desenvolver atividades ecologicamente sustentáveis e com potencialidade econômica para a região.

Todos os entrevistados concordam quanto a considerar a floresta e os animais como patrimônio natural e cultural de Vale Vêneto, salientando que se a fauna e a flora local fossem exterminadas, uma parte da história de Vale Vêneto ficaria perdida.

Baseado nestes depoimentos percebe-se que os entrevistados apresentam uma percepção sobre a interação entre animais e as florestas, relacionando esses dois fatores como patrimônio histórico-cultural e turístico para Vale Vêneto. Essa união entre o patrimônio natural e o cultural, conduz os entrevistados à mudança de percepção sobre o mundo natural, buscando uma forma de relacionamento mais harmoniosa com a mesma.

As representações que o homem ocidental tem acerca do ambiente são influenciadas pelos padrões culturais, intimamente ligados com os processos de intervenção no ambiente natural. Portanto, estudar o fenômeno cultural é compreender o homem. A cultura é um fruto das ações humanas. Ela surge da atividade humana no decorrer do tempo, formando a história.

No caso da região da Quarta Colônia, por não ter ocorrido o seu desenvolvimento econômico, como em outras colônias de descendentes italianos, favoreceu a manutenção de características culturais típicas e a manutenção de um local de atração turística, oferecendo uma oportunidade de contato com a natureza.

### **Considerações finais**

Percebeu-se que, no momento atual, as transformações sofridas pelo ambiente natural, são menores que as sofridas no início da chegada dos imigrantes ao local. O desmatamento era realizado como uma maneira de “limpar” o local para construção das casas e locais para o plantio das lavouras.

Embora a visão utilitarista de natureza ainda esteja presente entre os entrevistados, percebe-se que ao longo da história de Vale Vêneto, houve a apropriação de um novo comportamento de relação com a natureza, estabelecendo mudanças significativas na paisagem natural.

Essa mudança de comportamento ocorre devido aos programas de Educação Ambiental, desenvolvido por órgãos governamentais e pela Educação Patrimonial desenvolvida por projetos das universidades.

Um ponto fundamental para essa mudança de comportamento é a

inclusão da fauna e flora - patrimônio natural – juntamente com o patrimônio histórico-cultural e turístico de Vale Vêneto. Essa inclusão ocorre atualmente em nível internacional, onde o patrimônio natural e o cultural são incluídos no patrimônio mundial, pois ambos apresentam excepcional valor para a humanidade.

A Educação Ambiental procura estabelecer uma nova relação entre a humanidade e a natureza, baseando-se no diálogo entre as gerações e as culturas. Nesse sentido, é importante ressaltar que, os programas de Educação Ambiental e Patrimonial, devem buscar conhecimentos sobre a história do local e não apenas sobre o momento atual, para assim, entender o desenvolvimento da relação entre homem e o mundo natural.

#### Agradecimentos

Ao Prof. Rocco Alfredo Di Mare (UFSM) pelas sugestões e correções no artigo inicial.

#### Referências bibliográficas

- ALMEIDA, M. L. Entrevista com Warren Dean. *Revista de História*, v.133, p. 99-102, 1995.
- BRASIL. *Parâmetros curriculares nacionais: meio ambiente e saúde*. Brasília: Secretaria de Educação Fundamental, 1997. 128p.
- DEAN, W. *A ferro e fogo: a história da devastação da mata atlântica brasileira*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. 484p.
- DIAS, G. F. 1997. *Fundamentos da Educação Ambiental*. Brasília: UCB, 1997. 107p.
- FELIPPI, E. I. T. 1982. 59f. *Evolução social e administrativa do município de Faxinal do Soturno*. Monografia (Especialização em História do Brasil) - Universidade Federal de Santa Maria, 1982.
- GARRIDO, J. A. As fontes orais na pesquisa histórica: uma contribuição ao debate. *Revista Brasileira de História*, v.13, n. 25-26, p. 33-54, 1993.
- GIRON, L. S. A imigração italiana no Rio Grande do Sul: fatores determinantes. In: DACANAL, J. H. (Org.). *Rio Grande do Sul: imigração & colonização*. 3.ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1996, p.47-66.
- GONÇALVES, C. W. P. *Os (des)caminhos do meio ambiente*. 4.ed. São Paulo: Contexto, 1993. 148p.

HARRIS, M. *Vacas, porcos, guerras e bruxas: os enigmas da cultura*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978. 205p.

ITAQUI, J. (Org.). 2002. *Quarta colônia – inventário técnico de flora e fauna*. Santa Maria: Condesus, 2002. 255p.

MONTENEGRO, A. T. História oral, caminhos e descaminhos. *Revista Brasileira de História*, v.13, n.25-26, p. 55-65, 1993.

NEVES, W. *Antropologia ecológica: um olhar materialista sobre as sociedades humanas*. São Paulo: Cortez, 1996. 87p.

PESAVENTO, S. J. *História do Rio Grande do Sul*. 5.ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1990. 142p.

RAMINELLI, R. A natureza na colonização do Brasil. In: REIGOTA, M. (Org.). *Verde cotidiano: o meio ambiente em discussão*. Rio de Janeiro: DP&A, 1999. p.45-66.

SANTIN, S. *A emigração esquecida*. Caxias do Sul: EDUCS, 1996. 95p.

SATO, M.; CARVALHO, I. C. (Org.). *Educação Ambiental: pesquisa e desafios*. Porto Alegre: Artmed, 2005. 232p.

TONDOLO, R. B. *A colonização de Silveira Martins*. 41f. Monografia (Especialização em História do Brasil) - Universidade Federal de Santa Maria, 1996.

ULLMANN, R. A. *Antropologia Cultural*. 2.ed. Porto Alegre: ESTSLB, 1983. 342p.

VINADÉ, L. F. F. Causas do desmatamento em pequenas propriedades do município de Frederico Westphalen – RS. 1979. 82f. Dissertação (Mestrado em Extensão Rural) - Universidade Federal de Santa Maria, 1979.

Submetido em: 05/02/2009

Aceito em: 22/10/2009